

## Estudos árabes nas revistas e atividades do Cemoroc: 1997-2022

Aida R. Hanania<sup>1</sup>

**Resumo:** Por ocasião desta celebração do 25º aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a seus editores um artigo de retrospectiva de sua área em nossas revistas, especialmente nos últimos anos. Neste artigo a autora apresenta os Estudos Árabes publicados em nossas revistas.

**Palavras Chave:** Revistas Cemoroc. Estudos Árabes.

**Abstract:** To celebrate this 25<sup>th</sup> anniversary of Cemoroc's journals (in 2022), the publisher has asked editors to write an article summarizing the works in their areas, especially in the latest years. In this article, the author presents Arabic studies.

**Keywords:** Cemoroc Journals. Arabic studies.

### Introdução

Desde seu nascimento, marcado pela *Mirandum* No. 1, em julho de 1997, até a presente data, nossas revistas – publicadas também no, então, inovador formato eletrônico e que com este número atingem seu volume 300 – têm apresentado muitos e importantes estudos e traduções referentes aos Orientes, sobretudo ao Próximo (estudos árabes) e também ao Extremo (chineses).

Os estudos árabes foram, na verdade, o núcleo gerador dessas publicações e de suas parcerias internacionais, anos antes da criação da hottopos.com e mesmo da fundação institucional do Cemoroc. Hoje, momento de celebração desse grande empreendimento acadêmico, é grato recordar um pouco de sua história e... pré-história, no Centro de Estudos Árabes (CEA) da FFLCHUSP, fundado pelo saudoso Prof. Dr. Helmi Nasr, cuja figura evocamos em outro artigo deste volume.

As publicações do CEA começaram em 1993, com a fundação da *Revista de Estudos Árabes* e com a coleção de livros “Oriente e Ocidente”, sob a direção de Helmi Nasr, ARH e Jean Lauand, que, desde 1990, começou a cursar disciplinas do curso de Árabe na FFLCH. Lembro-me que, em 1991, o Prof. Nasr encarregou-me de dar aulas particulares a esse aluno especial, professor de filosofia e estudos medievais na FEUSP. Essas aulas logo se tornaram um grupo de estudos, com a participação de Mario Bruno Sproviero, então coordenador da área de chinês.

Entre os colaboradores estrangeiros da *Revista de Estudos Árabes*, destacam-se o historiador da ciência Roshdi Rashed e o calígrafo Hassan Massoudy. Entre os autores nacionais, publicamos artigos de: Antonio Houaiss, Jamil Almansur Haddad, Jorge Medauar, Maria Valéria Aderson de Mello Vargas e Milton Hatoum, entre outros.

---

<sup>1</sup>. Professora Titular aposentada da FFLCHUSP.

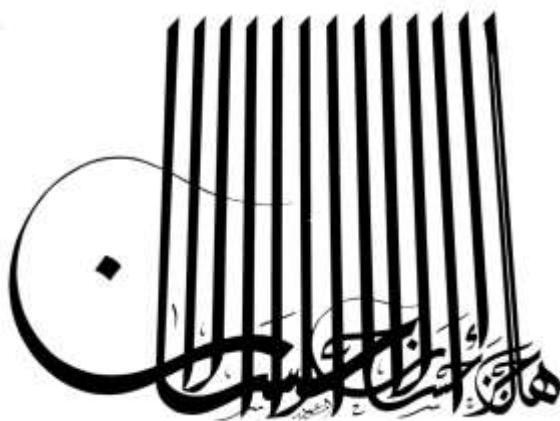
Toda essa experiência e contatos foram transferidos para hottopos.com, quando de sua fundação em 1997, oficializando a parceria do Centro de Estudos Árabes e o EDF-FEUSP, que viria a se consubstanciar no Cemoroc: Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da FEUSP. Como de costume, as origens no Oriente...

A nosso pequeno grupo inicial, viriam juntar-se jovens pesquisadores como Sylvio Horta e Ho Yeh Chia (hoje professores do curso de chinês na FFLCH-USP), e diversos autores da Universidad Autónoma de Madrid (nossos parceiros, desde as publicações do Centro de Estudos Árabes) e diversos outros colaboradores.

### **A primeira revista *Collatio* e os estudos árabes: os colaboradores estrangeiros**

Começarei por contemplar a revista *Collatio*. Já no começo de 1998, publicamos *Collatio* (nas referências seguintes abreviada por C, seguida do No. da edição), então dedicada a estudos árabes, em coedição com o *Departamento de Estudios Árabes e Islámicos de la Universidad Autónoma de Madrid*, que já no Editorial fundacional falava da “nova mídia” (edição eletrônica na Internet) em que também se publicava a revista. Nesses primeiros números, contamos com notáveis artigos e entrevistas dos colegas da UAM: Nieves Paradela (C1 e C3); Ana Ramos (C1, C3 e C8); Aurora Cano, em entrevista sobre os manuscritos de *El Escorial* (C2); Pedro Martínez Montávez (C2); Serafin Fanjul (C2); Rosa Isabel Martínez Lillo (C3); Waleed Saleh Alkhalifa (C4 e C6) e Miguel Cruz Hernández (C5). Da Autónoma de Barcelona, Óscar de la Cruz Palma (C7). E do filósofo alemão Johannes Lohmann, um clássico: “Santo Tomás e os árabes” (C8). No campo das traduções, *Collatio* publicou: “Dom Quixote” do escritor sírio Haní al-Rahib, diversos textos de Algazali e a tradicional peça xiita: “O drama de Kərbela”.

Destaco também a entrevista do notável calígrafo iraquiano, radicado em Paris, Hassan Massoudy, de quem tive o privilégio de ser aluna e que honraria nossas revistas diversas outras vezes, com sua refinada arte. Um exemplo da caligrafia do mestre em *Collatio*, da sentença do Alcorão LV, 60: “Não será a bondade a recompensa da bondade?”



Dois artigos especialmente importantes são de autoria do renomado historiador da ciência Roshdi Rashed: “Os tradutores” e “Modernidade clássica e ciência árabe” (<http://www.hottopos.com/collat6/index.htm>).

## A primeira revista *Collatio* e os estudos árabes: os colaboradores nacionais

Passo agora a relembra, muito resumidamente, alguns aspectos das colaborações de pesquisadores brasileiros naqueles tempos (de minha parte, discorro em outro artigo neste volume).

Alguns dos artigos daquela época viriam a se tornar referências.

É bem o caso da conferência de Mario Sproviero *Los tres Orientes*, que dissipa a habitual confusão entre Oriente Médio e Oriente Próximo:

**El Próximo-Oriente** - El Próximo-Oriente está constituido por la cultura árabe. No fue siempre así. Tuvimos en el pasado innumerables culturas en este espacio: la cultura sumeria, la egipcia, la asiro-babilónica, la persa, la judía, la greco-romana, la greco-bizantina etc. Hoy se da el retorno de los judíos a Palestina, rompiendo el antiguo equilibrio. Hay que señalar que hoy se confunde el Próximo-Oriente con el Oriente-Medio. Habiendo un conflicto en Palestina, los medios de comunicación, en diversos países, hablan de un conflicto en el Medio-Oriente, mientras la televisión alemana en relación al mismo hecho se refiere al Próximo-Oriente (*Konflikt in Nahosten*). ¡Es como si el Próximo-Oriente no existiese más! El Próximo-Oriente, según Guéron, principia en los confines de Europa y se extiende por el Norte de Africa (...). El grupo árabe, en el mundo musulmán, es primordial pues con EL, el Islam ha nacido y es la lengua árabe, la lengua tradicional de la religión, cualquiera que sea su origen y raza. Al lado del grupo árabe, hay dos otros grupos principales, el grupo turco-mongólico y el grupo persa. El primero comprende los turcos y los tártaros, que aunque se distinguen racialmente de los árabes, de éstos dependen culturalmente. Todos éstos forman un conjunto que se opone al grupo persa, formando la separación más profunda que existe en el mundo musulmán, separación que se expresa, aunque no del todo exactamente, diciendo que los primeros son sunitas mientras los persas son shiitas. Sin embargo, también se encuentran grupos musulmanes en India y China. Persia (Irán), por su pasado, raza, cultura y religión antigua, e incluso geográficamente, tendría que pertenecer propiamente al Oriente Medio, pero se ha tornado completamente musulmana.

**El Medio – Oriente** - El Medio-Oriente está constituido por el universo cultural índio y propiamente tendría que comprender dos civilizaciones: la hindú y la de los antiguos persas, pero ésta, como vimos, ha pasado a integrar el Próximo-Oriente y los descendientes de los parsis forman pequeños grupos en India y en el Cáucaso. ([http://www.hottopos.com/collat3/los\\_tres\\_orientes.htm](http://www.hottopos.com/collat3/los_tres_orientes.htm))

De Jean Lauand, especialmente a conferência “Ciência e Weltanschauung - a Álgebra como Ciência Árabe”, na qual mostra a correspondência entre as estruturas das línguas árabe e grega e as correspondentes ciências da Álgebra e Geometria. E também as conexões da Álgebra com o Alcorão, o Islam e sua teologia! ([http://www.hottopos.com/collat2/el\\_coran\\_y\\_la\\_ciencia.htm](http://www.hottopos.com/collat2/el_coran_y_la_ciencia.htm)).

Milton Hatoum brindou-nos com uma entrevista e o artigo “Escrever à margem da história” (<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm#escrever>) e o saudoso Jamil Almansur Haddad, a saborosa conferência *Interpretações das Mil e uma Noites* (<http://www.hottopos.com/collat6/jamyl.htm>).

Em “Personagens árabes na obra de Jorge Amado”, Jorge Medauar nos transmite o depoimento do próprio autor sobre um de seus árabes:

Circulando em seus romances, vindos de Ilhéus, de Itabuna, Água Preta ou Salvador, seus árabes ou descendentes caminham em seu universo com a mesma naturalidade dos tabaréus, coronéis, bacharéis, prostitutas, malandros, trabalhadores de roça, capoeiristas, jagunços, gente anônima das ruas. E muitos entraram em sua obra tão marcan-temente como Jubiabá, Guma, ou Tereza Batista, transformando-se no personagem principal, naquele em torno do qual se desenrola a história ou o romance.

É bem o caso de Nacib, de *Gabriela, Cravo e Canela*, e desse fabuloso Fadul Abdala, de *Tocaia Grande*, que tivemos a honra de conhecer ainda no embrião da história. Em outubro de 1983, quando Jorge Amado principiava a escrever seu romance, mandou dizer-nos, em carta:

“Este meu romance da ‘face obscura’ está cheio de árabes: um deles, Fadul Abdala, personagem fundamental, é porreta. Aliás, aconteceu uma coisa engraçada: para contar uns percalços de Fadul, acabei escrevendo uma noveleta (45 páginas) de árabes em Itabuna, mas eu a retirei do contexto do livro onde ela pesava demasiado sobre a história do lugarejo - cujo nome é Tocaia Grande, futura Irisópolis. Mas, quando terminar o livro, voltarei a trabalhar a noveleta da luta entre Deus e o Diabo pela alma de Fadul”. (<http://www.hottopos.com/collat7/medauar.htm>).

De Antônio Houaiss, publicamos a conferência *As projeções da língua árabe na língua portuguesa* (<http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm>), fruto de sua inesquecível participação na “Semana de Cultura Árabe”, organizada pelo Centro de Estudos Árabes, em 1986, publicação que contou com a edição do próprio autor.

#### **Notandum Nº. 35-36: um volume dedicado aos Orientes**

Dentre nossas publicações mais recentes, destaca-se, inicialmente, o volume duplo de *Notandum* No. 35-36 (2014 <http://hottopos.com/notand35/index.htm>), dedicado a um Seminário do Cemoroc, como expressaram Chie Hirose e Roberto Castro, os *editors ad hoc* do volume:

Este volume especial de *Notandum*, compreendendo os números 35 e 36, acompanha a temática do “XV Seminário Internacional: Filosofia e Educação - Linguagens, Religião e Educação”, organizado em São Paulo, em fevereiro 2014, pelo Cemoroc-Feusp, IJI-Universidade do Porto e pelo Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Predomina neste volume o dossiê “Clássicos dos Orientes”, recolhendo, direta ou indiretamente, importantes peças das tradições dos Orientes. Além de estudos originais, enriquecemos esta publicação recolhendo outros textos do acervo da Editora – daí que alguns tenham o mesmo tradutor e autor dos comentários e notas – para compor uma nutrida coleção, disponível para o estudioso em um único volume. Orgulhamo-nos de apresentar ao leitor a tradução, em geral, diretamente do original, do Livro do Tao de

Lao Tsé; de importantes textos de Algazali, Averróes, Confúcio, Mêncio, do Livro dos Ritos, do Livro da Escada de Maomé, além de estudos que apresentam tradições proverbiais da China, Japão, Índia e mundo Árabe, e a discussão do caráter dos ideogramas, da poesia árabe pré islâmica e do Mandato do Céu em Confúcio.

Esse volume recolhe duas traduções que fiz do clássico Algazali: *Ayyuha al-Walad* (<http://hottopos.com/notand35/113-116AidaGazali.pdf>) e “Máximas de sabedoria” (<http://hottopos.com/notand35/47-56GazaliAida.pdf>) bem como dos § 1-17 do “Livro do Discurso Decisivo” de Averróes”, com estudo introdutório de Roberto Castro (<http://hottopos.com/notand35/97-104Averroes.pdf>). Apresenta também as traduções de Jean Lauand: “Livro da Escada de Maomé - capítulos 50, 51 e 70” (<http://hottopos.com/notand35/77-84MaomeJean.pdf>) e os deliciosos “Cem Provérbios da tradição Árabe” (<http://hottopos.com/notand35/127-140JeanProverbios.pdf>), junto com um estudo de Helmi Nasr sobre a poesia árabe pré-islâmica (<http://hottopos.com/notand35/111-112Nasr.pdf>).

Esse volume especial de *Notandum* foi objeto de matéria de página inteira do Jornal da USP (18-02-14 <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=34250>), na qual se afirmava:

Existem ainda muito preconceito e desinformação, no Ocidente, a respeito do mundo árabe. Traduzir para o português as grandes obras da literatura oriental é uma ótima maneira de combater esse problema e mostrar a grande contribuição dos povos de língua árabe para a civilização. Foi o que disse a professora Aida Hanania, docente aposentada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, no dia 11 passado, em São Paulo, durante o lançamento da nova edição da revista *Notandum*, publicada pelo Centro de Estudos Oriente & Ocidente (Cemoroc) da Faculdade de Educação da USP.

### **Outros estudos recentes**

Em *Notandum* N. 30, apresento em “Uma experiência com refugiados” (<http://www.hottopos.com/notand30/27-30Aida.pdf>), reflexões sobre o contraste de culturas, que vivenciei por ocasião de um trabalho voluntário que realizei para o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, no acolhimento de um grupo de palestinos vindos do Iraque para o Brasil, em condições de devastação psicológica...

Dois artigos de Jean Lauand, em *International Studies on Law and Education* (22 e 16 resp.), versam sobre características da língua e visão de mundo árabes: o confundente conceito *mathal* em “*Metáforas, parábolas, proverbios y cia. – El hablar de Dios*” (<http://hottopos.com/isle22/123-128Jean.pdf>) e a incrível presença da metátese na língua em “Metáteses árabes da metáfora: desvelar/velar” (<http://hottopos.com/isle16/25-30Jean.pdf>). Metáfora (*mathal*) e metátese em dimensões insuspeitadas para as línguas ocidentais:

Um dos mais intrigantes fatos semânticos da língua árabe é a metátese, transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com relação de sentido entre as formas metatéticas.

Em nossa língua, se tomamos, por exemplo, a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, rapto, parto ou tropa. Mas não há

nenhuma relação de sentido entre elas e se houver (como alguém poderia alegar entre “parto” e “porta”) costuma ser meramente casual. Exceto em alguns poucos casos que remetem à mesma etimologia, como terno / tenro ou a engasgos e tropeços de pronúncia como estrupar / estuprar, depredar / depedrar.

Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: desnorteia/ desorienta; podre / poder ou senador / desonra.

No caso da língua árabe, como se sabe, o que conta é o radical tri-consonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos essa leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria aparentado com “basalto” e “Datena” imediatamente associado a “detona”.

E considerando, por exemplo, em “carta” somente as consoantes, c-r-t, teríamos no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato etc. e ampliar-se-ia muito o número de metáteses: troca, treco, torce, recato, retaco, cátaro etc. Mas essas metáteses continuariam independentes e quando houvesse alguma relação de sentido (como, digamos jocosamente, em pastel / paulista) seria casual. (...)

Já na língua árabe, as metáteses são tão frequentes e dotadas de sentido que é tão difícil afirmar casualidade quanto decifrar o intrigante mistério desse fato de linguagem.

Alguns exemplos: B-r-k é o radical de abençoar. K-b-r é ser grande (a benção é engrandecimento: das colheitas, da família, do sucesso etc. a tal ponto que q-l-l é “ser pouco” e, no hebraico bíblico, também “amaldiçoar”). Na tradição semita, a benção é ligada sobretudo à primogenitura: b-k-r! Se viajar é s-f-r; f-r-s é o cavalo. X-r-b é beber; b-x-r é alegrar-se, boas novas. Etc. etc. etc.

Esses exemplos foram escolhidos de propósito procurando associar a palavras familiares ao leitor: b-r-k como no nome do presidente dos EUA: abençoado, Bento. K-b-r (como no Alcácer kibir, o grande Alcácer); s-f-r, como em safari; f-r-s, como no alferes Tiradentes. X-r-b (xarope – o b supre em português a letra p, inexistente em árabe); b-x-r (alvissaras: *al-besharah*).

Na revista *Convenit*, em seu No. 31, em “O Líbano e a obra de Gibran” discuti as raízes libanesas e religiosas da obra de Gibran Khalil Gibran (<http://www.hottopos.com/convenit31/29-36Aida.pdf>).

Por ocasião da posse de nosso *editor* Paulo Ferreira da Cunha como Juiz da Suprema Corte de Portugal, entre outras homenagens, dedicamos a ele a *International Studies on Law & Education* Nos. 37-38 (2021). Em meu tributo ao polifacético intelectual e artista, procurei mostrar algumas relações de seu trabalho como pintor com a tradicional arte árabe da caligrafia (<http://www.hottopos.com/isle37/7Aida.pdf>).

### **Uma notável experiência na escola pública: Língua árabe e Libras**

É tema de todo um artigo neste mesmo volume, o esforço do Cemoroc de envolver seus pesquisadores em atividades e conferências em prol da Escola Pública. A seguir, gostaria de resumir uma impactante experiência que tive em recente aula na EMEFM Vereador Antonio Sampaio (abrev. VAS), na qual nosso presidente, o Prof.

Jean Lauand, e eu estivemos em enriquecedor diálogo com alunos surdos e professores de Libras – o VAS é uma importante escola de inclusão de surdos na Zona Norte de São Paulo.

### **Língua árabe e Libras: convergências?**

A conferência foi proferida pelo Dr. Lauand e por mim, com tradução simultânea pela Profa. Renata F. S. Francisco e com um interlocutor principal, o Prof. Eduardo Pereira Rocha, ele mesmo surdo, também professor de Libras e formado em Letras. Além, é claro, das intervenções dos assistentes.

Era a primeira vez que os conferencistas tínhamos um tal público e logo nos demos conta de que os surdos têm sua própria língua, a língua de sinais, que *não* é a língua portuguesa em sinais, mas Libras. Do mesmo modo, não foi de tanta utilidade o material impresso que distribuímos, na ilusão de que por escrito a comunicação seria normal: não, a língua deles é Libras!

Já quando começamos a falar das características da língua árabe, houve entusiasmo quando se deram conta de que o árabe não utiliza o verbo ser (/estar) como verbo de ligação e que basta dizer: “Eu professor” ou “eu nesta escola” em vez de “Eu sou professor” ou “eu estou nesta escola”. E, como usuários de Libras, perguntaram por que a língua portuguesa tem que ser tão complicada...

Do mesmo modo (mais uma convergência...), no sistema língua/pensamento árabe em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta.

Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”, dizendo simplesmente: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama ..”).

Essa associação imediata é tanto mais forte quanto o árabe tende a evitar as abstrações e voltar-se para o concreto. Tipicamente falando, enquanto nós tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em “A educação vem do berço”; o árabe expressa a mesma ideia com imagens concretas:

“Pai dele (é) alho; mãe (é) cebola: como pode ele cheirar bem? “

E enquanto nosso provérbio é: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz:

“O macaco aos olhos de sua mãe (é) gazela”.

Nada de abstratos “a educação”, “a conduta” etc. A palavra para conduta (boa ou má) é a mesma para aroma (*rihat*); para além da metáfora (“a coisa está cheirando

mal em Brasília”), para o árabe, trata-se da mesma e única palavra. A dificuldade de tradução para Libras, no caso, ficou por conta do adjetivo substantivado: “o feio” etc.



Nossos alunos surdos. Entre os professores Jean e Aida, Prof. Eduardo (professor surdo de Libras) e a seu lado Profa. Renata (de Libras)

Outros aspectos da cultura árabe entraram em jogo<sup>2</sup>, renovando vivamente nosso olhar sobre algumas realidades, a partir do ponto de vista dos surdos: como fica o Alcorão para um surdo, se Al-Qur’an é precisamente a recitação, o canto da leitura...?

Por outro lado, a ênfase na escrita, a caligrafia como arte religiosa e arte árabe por excelência, causou forte impacto. Por exemplo, a fórmula principal do Islã, a *shahada*: *La illahi illa Allah* (não há outro deus, senão o único Deus) é portadora da incrível coincidência de que nela comparecem as poucas letras verticais do alfabeto árabe, como que convidando – a partir da própria leitura – a uma ascensão ao divino.



A verticalidade da *shahada*

---

<sup>2</sup>. E acabaram por convocar um novo encontro no VAS, tematicamente dedicado a aspectos sociais do mundo árabe.



Se, por vezes, se usa demagogicamente o estereótipo de que o professor aprende com os alunos, neste nosso caso, no diálogo com os surdos, certamente eles nos ensinaram e muito, de verdade, nessa riquíssima experiência.

### **Formando professores da Escola Pública: Conferências no Cescape (São Caetano do Sul)**

Em março e abril de 2018, o brilhante e incansável educador Prof. Dr. Sérgio Oliveira dos Santos convidou o Prof. Jean Lauand e eu para um ciclo de conferências para professores da rede municipal no Cescape - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns, da Prefeitura de São Caetano do Sul.

O ciclo, “Antropologia, Linguagem e Educação”, naturalmente, incluía um par de conferências sobre a língua e a cultura árabes.



Jean Lauand, ladeado por Sergio Oliveira dos Santos e por mim no encerramento do ciclo de formação de professores do CECAPE, São Caetano do Sul (2018).

Esses esforços de colaboração com as escolas públicas, uma das prioridades do Cemroc, visa valorizar os professores e solidarizar-nos com eles, na sua tão importante (quanto, em geral, não reconhecida) missão de educar na escola pública. Formá-los é, ao mesmo tempo, atingir uma multidão de alunos e facilitar-lhes o acesso aos verdadeiros valores de nossa milenar cultura árabe.

Recebido para publicação em 07-01-21; aceito em 22-02-21